

## **Construções de Papéis de Gênero na Doutrina do Santo Daime**

### *Constructions Of Gender Roles in The Santo Daime Doctrine*

Sara Angélica Teixeira da Cruz Silva<sup>1</sup>, Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento<sup>1</sup>, Fabrício Veliq Barbosa<sup>2</sup>, Alessandro Vinicius de Paula<sup>3</sup>, Gislaine Leoncio Motti<sup>1</sup>, Guilherme Couto Ramos<sup>1</sup>

**RESUMO:** No hinário “O Cruzeiro”, livro base da doutrina do Santo Daime, a figura da mãe se faz mais presente do que outras figuras femininas. Buscamos elucidar, através da Análise de Conteúdo clássica, de que forma as mulheres aparecem no hinário “O Cruzeiro”. Os resultados da Análise de Conteúdo mostram que algumas figuras aparecem em destaque: a figura do Filho; a figura da Mãe; a figura do Pai; a relação de Pai e Filho; a relação de Mãe e Filho e, adicionalmente, a figura do Filho da Natureza. Essas figuras e as relações entre Pais e Filhos são permeadas por tradicionais lógicas de gênero que estabelecem o lugar da maternidade, da paternidade e do filho. É perceptível a importância do exemplo da família patriarcal cristã que é seguido no Hinário, além de se estabelecer lógicas tradicionais de gênero, em que a ética do cuidado e da justiça prevalecem. Por fim, os resultados contribuem para a produção científica da Psicologia Social sobre as lógicas de gênero existentes no meio religioso sincrético, mais especificamente, o daimista.

**Palavras-chave:** Santo Daime; Gênero; Hinário O Cruzeiro; Psicologia Social.

**ABSTRACT:** In the hymnal "O Cruzeiro," the foundational book of the Santo Daime doctrine, the mother figure is more prominent than other female figures. Through classical Content Analysis, we aim to understand how women are portrayed in "O Cruzeiro." The results highlight figures like the Son, the Mother, the Father, the Father-Son relationship, the Mother-Son relationship, and additionally, the Nature's Son figure. These figures and parent-child relationships are influenced by traditional gender norms defining the roles of motherhood, fatherhood, and the child. These findings emphasize the influence of the Christian patriarchal family model in the hymnal, establishing traditional gender norms

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais

<sup>2</sup> Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

<sup>3</sup> Universidade Federal do Mato Grosso

where the ethics of care and justice prevail. Ultimately, the results contribute to the scientific understanding of gender dynamics in the syncretic religious context, specifically within the Santo Daime tradition.

**Keywords:** Santo Daime; Gender; Hymnal O Cruzeiro; Social Psychology.

### Introdução

A religião do Santo Daime, criada em 1930 por Raimundo Irineu Serra, pode ser caracterizada como uma doutrina musical baseada no uso do chá da ayahuasca<sup>1</sup> em seus rituais (Assis & Rodrigues, 2017). Considerado o livro base do Santo Daime, o hinário “O Cruzeiro” (Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Flor do Céu, 2002) contém diversos elementos estruturantes sobre o papel das figuras de gênero na doutrina sendo, conseqüentemente, uma prescrição dos comportamentos esperados dos membros da religião. Os hinos religiosos ocupam um papel central na prática religiosa, sendo alvo de diversos estudos científicos devido à relevância da musicalidade para a compreensão de aspectos psicossociais relacionados ao Santo Daime (Labate & Pacheco, 2005; Rabelo, 2013).

Este artigo apresenta as estruturas de construções de gênero na doutrina do Santo Daime com foco na identidade feminina presente no hinário “O Cruzeiro”. A maternidade é um elemento identitário central da feminilidade – embora a maternagem nem sempre se apresente como gerar e cuidar de um filho, visto os contextos de cuidado em que as mulheres historicamente se encontram (Carson, 1995).

---

<sup>1</sup> As religiões ayahuasqueiras utilizam o chá da ayahuasca, feito da decocção do cipó de mariri e de folhas de chacrona. É um chá que provoca reações psicoativas como as denominadas mirações, visões espirituais, e reações fisiológicas denominadas limpeza, como vômitos e diarreia. O chá passou a ser chamado de daime ou chá do santo daime pelo fundador da doutrina, Raimundo Irineu Serra. Utilizamos daime ou santo daime com letra minúscula para nos referirmos à bebida, e Santo Daime com letras maiúsculas para nos referirmos à religião.

As emoções e comportamentos classificados como masculinos e femininos, historicamente, seguem normas de gênero tradicionais com base em antigos modelos de família e sociedade. Jaggar (1996) demonstra uma divisão das emoções entre homens e mulheres de forma interessante, e diz de uma proscricção das emoções. Uma determinada emoção feminina pode ser considerada desproporcional ou fora de lugar se não seguir a norma social. Nesse sentido, a pessoa que sente pode não encontrar instrumentos sociais e psicológicos da emoção diferente dos parâmetros sociais exigidos.

Ao tratarmos da memória e da oralidade, percebemos que a memória do mundo privado, considerada feminina, é caracterizada pela exposição dos sentimentos e emoções íntimas, vivenciadas em determinados momentos próprios das mulheres, geralmente, ligados a pessoas ou fatos (re)conhecidos afetivamente (Perrot, 2005; Jelin, 2001). Essas memórias fazem parte da chamada ética feminina de cuidado, em que as emoções são tipicamente tidas como pertencentes ao mundo feminino. A tarefa de expô-las cabe, assim, às mulheres. Embora haja essa tentativa de anular as memórias das emoções ou relegá-las a um lugar pouco importante na história, elas estão presentes em diversos períodos históricos (Jelin, 2001).

O cuidado é tratado por Tronto (1997) enquanto questão ética e problema moral. Para ela, existe uma lógica do cuidado em que o cuidar de alguém reflete uma normativa moral sobre as mulheres, a qual está naturalizada e reflete obrigações morais de ser mulher. As mulheres devem responder pelos cuidados do seu corpo e do corpo do outro. Essa reflexão é um verdadeiro guarda-chuva, pois abrange questões gerais de saúde, do infante até o idoso, seja de qual sexo for. Há sempre uma mulher que deve ser responsável pela saúde do outro: a prevenção de agravos e promoção da saúde no cotidiano é uma tarefa feminina, profissionalmente, isso se aplica a determinadas profissões como a enfermagem.

## **Desenvolvimento**

A análise dos resultados de um estudo sobre as representações do trabalho feminino para homens casados (Nascimento et al., 2008) mostra que a representação de boa mulher é atravessada por conteúdos de boa mãe, boa companheira e trabalhadora, que adquire sentido de mulher trabalhadeira, aquela que cuida de casa e dos entes próximos, como nos lembra Trindade et al. (2006). Atributos como companheira, fiel, compreensiva e honesta também aparecem como parte da representação da boa mulher e diz muito do tipo de mulher aceita socialmente.

Quanto aos homens, percebe-se que as representações de bom marido possuem características similares às mulheres, como fiel, respeitoso, companheiro, compreensivo, honesto, trabalhador, carinhoso, amigo e dedicado. Honestidade, em ambos, possuem valor diferente, pois a mulher honesta não trai, e o homem honesto tem a ver com ser um homem trabalhador. O trabalho como questão masculina é ligado à ação, ser trabalhador significa ser um homem ativo. A mulher ser trabalhadora significa que ela cuida de alguém. Ao analisarmos os resultados de um estudo de Trindade et al. (2006) percebemos que a honestidade da mulher gira em torno dela seguir as leis e valores, que ela possui numa família, representando uma peça chave familiar.

Em estudo com crianças sobre a representação de família, temos que o ideal de família se relaciona a palavras de afetividade, como carinho, felicidade e amizade. As palavras pai e mãe aparecem com funções consensuais, representando que a família nuclear tradicional está no ideal de família das crianças estudadas (Ribeiro & Cruz, 2013).

Priore (1989), em discussão sobre o amor sagrado e profano no casamento, apresenta que o amor nos moldes do século XVIII, no Brasil, deveria se afastar da lascívia e se aproximar do bem-querer, da bondade e da caridade. Toda a nudez que o amor apresentaria deveria ser coberta pelo manto da castidade. Desse modo, deveria ser o amor

conjugal tocado pelo divino, apagando seus excessos. A autora expõe que o casal não deveria se unir por amor, mas por dever do casamento de procriar e de lutar contra o adultério. Um quadro de práticas amorosas atuava como prescrição que inibia os excessos do amor, os quais eram punidos por normas eclesiais.

Priore (1989) expõe que o esposo divino, de acordo com os ditames eclesiais, poderia ser igual ao esposo terreno, ao qual a esposa se sujeitava e a quem reverenciava, do contrário receberia sanções sociais. A esposa deveria ser paciente, um exemplo a ser seguido e influenciar o marido para tal. Esse modelo se amplia para o modelo de ser mãe, fundamental para a construção do modelo familiar cristão, projeto da Igreja no período colonial. A mulher confinada à casa era valorizada e, também, sinônimo de recato.

Educar os filhos fazia parte desse projeto que preconizava o amor primeiro a Deus, depois pelo marido. A mulher modelo tinha tarefas a serem cumpridas, embaladas pela submissão. Fala-se de um amor conjugal domado, sem paixões, sendo que a culpa de qualquer inconveniente com o casamento recaía sobre a mulher. Havia uma espécie de confessionário de pecados cometidos. No século XVIII, Priore (1989) mostra que a poesia louvava a beleza da mulher tal qual ocorre no Hinário estudado neste trabalho. Aqui vê-se uma beleza colocada em palavras suaves como formosura, igualando a mulher à flor.

Priore (1989) lembra que esse modelo de mulher excluía escravas, forras e brancas pobres, sem teto e sem companheiro. Neste caso, a autonomia do corpo feminino gera um controle pelos órgãos públicos que consideravam as mulheres como devassas e libertinas, observavam-se até pequenos atos. Os poderes públicos defendiam o casal monogâmico como ordem geral, a igreja, por sua vez, engajava-se em um projeto moralizador de organização social que muitas vezes não poderia ser seguido pelos grupos sociais colonos. A sedução interdita atravessava tal projeto com casais não oficiais, sejam amantes, amancebamentos ou bigamias. Existia um inventário de práticas de enamoramento que

deveria ser seguido e que incluía um projeto natalista colonial. As condições de pobreza não estavam, de acordo com tal projeto, colocando o amor contravencional como prédica da vez.

A função social do amor e da família burguesa para a reprodução social se torna importante neste trabalho e enquadram o amor, a maternidade e a paternidade como temas centrais. Dentro da família burguesa, tem-se que o amor entre mãe e filho seja instintivo, um sentimento "natural" mais forte do que entre outros familiares, neste caso, o amor se aproxima do divino. Cada qual da família deveria ocupar, sentimentalmente, um lugar específico, inclusive na parte sexual. O filho, iniciado sexualmente na adolescência, a filha, que deveria se resguardar, e o patriarca, que detinha controle sob todos (D’Incao, 1989).

Historicamente, no Brasil, há um processo de santificação da mulher mãe. Quanto ao pai, há uma valorização de que ele ganhe dinheiro para o sustento da família. Temos o casamento como aliança política e econômica desejável, por isso, a vigilância de um sistema pré-moldado. Se não fosse praticado, haveria sanções ou tentativas de voltar para o mesmo sistema civilizatório.

Na passagem para a sociedade moderna, temos uma nova ordem civilizatória de valores individualistas em que os papéis se intercambiam e surgem muitas vezes de forma antagônica. Na sociedade moderna, os casamentos arranjados passam a ser trocados pela escolha afetiva, com uma valorização das relações amorosas entre familiares (Trigo, 1989). O amor sai do imaginário para se tornar mais palpável na vida real, passando a habitar no matrimônio sua estabilidade. Nesse ínterim, o papel da mulher passa a sofrer maiores mudanças não isentas de conflitos já que a igualdade foi colocada em pauta (Carson, 1995).

A passagem da sociedade patriarcal para a sociedade de classes gerou a valorização do amor doméstico e, com isso, o exercício da sexualidade também, vemos continuidades e rupturas nos papéis ocupados pelas mulheres (Trigo, 1989). Ao mesmo tempo que temos a valorização da virgindade, temos a luta pela libertação de valores patriarcais.

Ao observarmos a religião cristã, percebemos que há uma busca pela divinização da virgem. A virgem da Conceição possui em torno de si o sincretismo religioso provocado pelo lugar fronteiro entre religiões (Rosa Saque, 2020). Sua figura é fundamental para compreendermos todos os processos que a envolvem na religião, seja nas nomenclaturas, seja nas relações que se criaram em torno dela, tal como de Pai e Filho. Além de tudo, a virgem da Conceição faz parte do mito fundador da doutrina daimista, pois a primeira visão espiritual que Irineu teve após tomar a bebida foi com ela. A virgem passou para ele, em sua visão espiritual, todas as orientações que ele deveria seguir para criar a nova doutrina. Irineu a colocou no centro de uma série de símbolos da natureza que fomentaram novos sentidos a ela, exemplo disso, se deu com o primeiro hino “Lua Branca”.

Três matrizes religiosas - africana, indígena e europeia - estão presentes no Santo Daime, visto que não se concebe a religião daimista sem uma dessas três vertentes (Rosa Saque, 2020). Mesmo que não haja consenso sobre a matriz africana nos rituais, percebemos que Irineu trouxe o Tambor de Mina da sua região de origem, Maranhão, além das vestes e de Irineu ser um homem negro (Alves Junior, 2007). Vê-se que a matriz africana está no amálgama que faz acontecer os rituais.

A aproximação do cristianismo serviu, portanto, para diminuir os conflitos de aceitação e preconceito sofridos na doutrina. Para tanto, um lugar fronteiro entre o catolicismo e o xamanismo precisou ser forjado e entendido como lugar possível de

existência da doutrina. A devoção mariana é tida como a mais popular no Brasil (Rosa Saque, 2020), tendo em si um ponto que liga o sujeito à doutrina do Santo Daime, já que a aparição da virgem da Conceição faz parte do mito fundador da doutrina e, também, a virgem da Conceição é bastante citada no hinário “O Cruzeiro”, sobre o qual nos debruçamos neste estudo.

Na doutrina do Santo Daime, cantar é de extrema importância por ser uma doutrina musical. Na doutrina se canta ritualisticamente de forma religiosa, e se ingere o chá do Santo Daime. Nos cânticos estão as figuras religiosas as quais iremos analisar neste trabalho inclusive a virgem da Conceição, figura que fez parte do princípio da doutrina. Dessa forma, ingerir a bebida do Santo Daime remete às origens do início da doutrina, fazendo com que a identidade religiosa seja lembrada e fortalecida somado aos cânticos que reverenciam a virgem da Conceição e a sagrada família cristã. Este artigo objetivou apresentar as lógicas de gênero que aparecem no hinário “O Cruzeiro”. Passemos adiante para breve descrição do método utilizado.

### **Método**

Realizamos a análise textual dos hinos que compõem o hinário “O Cruzeiro” (Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Flor do Céu, 2002) a partir da Análise de Conteúdo (AC) clássica de Bardin. A análise de conteúdo consiste num “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 1979, p. 31) com a função de interpretar tais comunicações a partir de procedimentos sistemáticos com fins de descrição dos conteúdos textuais. Com isso, delimitamos unidades de registro com fragmentos dos textos do hinário segundo a presença de itens de sentido. Dessa forma, a criação de categorias se fez possível, a partir de critérios de classificação, que se apresentaram segundo a constituição da sagrada família. Segundo Bardin (1979), a descrição é a

primeira etapa da AC, a inferência é o processo intermediário e a interpretação é a última etapa, conforme seguimos neste trabalho.

Realizamos a leitura flutuante que nos auxiliou a levantar as seguintes hipóteses sobre o texto: a existência da família se assemelha à sagrada família cristã; o texto possui caráter moral; os comportamentos expostos no texto têm caráter prescritivo para os leitores, existindo modelos de conduta. Dessa forma, pudemos estabelecer a análise de conteúdo temática a fim de explorarmos núcleos de sentido de acordo com os objetivos de análise. Percebe-se que a análise das personagens dos hinos compõe parte importante deste trabalho.

Realizamos leitura em exaustão, logo após realizamos a separação textual por categorias temáticas sobressalentes, quais sejam a figura do Filho<sup>[2]</sup>, a figura da Mãe e a figura do Pai. Além disso, investigamos como essas figuras se relacionam entre elas: relação de Pai e Filho, relação de Mãe e Filho, e, adicionalmente, Filho da Natureza. Passemos adiante para a apresentação dos resultados.

## **Resultados**

### **A figura do Filho**

No hinário “O Cruzeiro” (Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Flor do Céu, 2002), o Filho, em seu papel, chora no mundo e pede perdão e socorro à Mãe. “Minha Mãe, lá no céu. Dai-me o perdão. Tu sois a flor mais bela. Aonde Deus pôs a mão. Tu sois minha advogada. Oh! Virgem da Conceição” (Hino 01). O Filho é vinculado tanto à Mãe (filho de Maria, da virgem, da mãe, ou da virgem mãe) quanto ao Pai (Filho de Deus, do divino Pai eterno, do Rei de amor, de São José, do Redentor).

Mas há menções em que o Filho não aparece vinculado a nenhuma figura específica, e que caracterizam o Filho identitariamente neste jogo familiar do divino com deveres a serem cumpridos: “Eu sou um filho eterno. Não devo pensar à toa” (Hino 24).

“Sou filho da verdade. E do poder universal. Para sempre, para sempre. Para sempre acreditar” (Hino 92). “Sou filho desta verdade. Sou dono deste poder. Deus me entrega com firmeza. Eu não devo esmorecer” (Hino 98).

Jesus, retrato do Filho ideal, é colocado como Filho de Maria, e é alguém que deve ser lembrado pelos participantes, pois é um exemplo a ser seguido: “Eu não devo esquecer-me. Do nome de Jesus” (Hino 10). Jesus é alguém para ser festejado: “Eu convido os meus irmãos. Para cantar com alegria. Para nós ir festejar. A Jesus filho de Maria” (Hino 57). Jesus também é Pai: “Jesus Cristo Redentor. Senhor do meu coração. Defendi os vossos filhos. Neste mundo de ilusão” (Hino 128).

### **A figura da Mãe**

A Mãe chama a todos para serem Filhos dela, porém nem todos fazem por merecer a maternidade sagrada. Para ser Filho dela é preciso amar com firmeza: “A Rainha me chamou. Para mim seguir com ela. Para eu amar com firmeza. Para eu ser um filho Dela” (Hino 32).

A Mãe é uma Mãe que ensina: “A minha Mãe que me ensina. Me diz tudo que eu quiser” (Hino 104). Ela manda cantar e ensinar aos irmãos: “A Rainha minha Mãe. Que me mandou eu cantar. E ensinar os meus irmãos. Aqueles que procurar” (Hino 35). Ela chama para ser um Filho dela e ter força para ensinar. Percebemos que a Mãe exerce a maternidade, chamando os Filhos para que ela possa ensiná-los e para que eles possam ensinar aos seus irmãos a ter amor, a rezar e a cantar.

### **A figura do Pai**

O Pai manda cantar para ter firmeza: “Soberano Pai Eterno. Que me mandou eu cantar. Para eu ter toda firmeza. Para sempre eu vos amar” (Hino 37). “Foi meu pai quem me mandou. Conhecer todos primores” (Hino 41). O Pai também manda viver e avisar aos irmãos: “O Divino Pai Eterno. Foi quem me mandou viver. Que eu avisasse aos meus

irmãos. O que vai acontecer” (Hino 83). O divino Pai mandou José ser esposo de Maria. “O Patriarca São José. Vós esposo de Maria. Que o Divino Pai mandou. Para vossa companhia.” (Hino 36).

Além disso, o Pai também chama para a hora da morte: “Tantos anos que vivestes. Agora vais se retirar. Vai atender ao nosso Pai. Foi quem mandou te chamar” (Hino 07).

### **Relação de Pai e Filho**

Quando o Filho é vinculado ao Pai, ou a figuras masculinas, aparecem algumas ações e deveres do Filho. O Filho se apresenta ao pai divino e se alegra: “Eu vim me apresentar. Por ser um filho seu. [...] Piso firme com alegria. Sou filho do Redentor” (Hino 21). Há o dever de ser feliz e de ter amor ao se reconhecer Filho desse pai: “Sou filho do meu Pai. Feliz eu devo ser. Sou filho do meu Pai. Eu devo ter amor” (Hino 26).

O Pai divino é amoroso e carinhoso, e seu Filho reconhece isso. O Filho deve amar ao Pai, que é bom por excelência. Além disso, o Filho deve agir de determinada forma, sendo atencioso, carinhoso, e não ser orgulhoso: “Reduzi meu corpo em pó. O meu espírito entre flores. Sou eu, sou eu, sou eu. Filho do Rei de Amor” (Hino 33). “Meu Pai é carinhoso. Ele não quer mal a ninguém. Devo amar com firmeza. A meu Pai que nos quer bem. [...] Sou filho do meu Pai. Eu devo ser atencioso. Abraçar a todo mundo. E não querer ser orgulhoso” (Hino 45). O Filho parece usar as características do Pai como exemplo de conduta.

Além disso, alguns pedidos são feitos ao Pai. É pedido ao Pai a luz: “O Divino Pai Eterno. Senhor de todo primor. Daí a luz ao vosso filho. Aquele que procurou” (Hino 35); e que ele defenda seu Filho da escuridão: “Meu Divino Senhor Deus. É Pai de toda nação. Defendei os vossos filhos. De toda escuridão” (Hino 44). O perdão também é pedido: “Divino Pai. Soberano Criador. Perdoai os vossos filhos. Neste mundo pecador” (Hino 72). E, por último, é pedido o amor do Pai, a fim de se afirmar a paternidade: “Meu

Pai, meu Pai. Me dá o teu amor. Para eu ser filho de vós. Aqui na Terra aonde estou” (Hino 112).

O Filho reconhece a paternidade: “O Divino Pai Eterno. Quem me fez, quem me criou. Para eu ser um filho seu. No jardim de Belas Flores” (Hino 59). E agradece ao Pai ao reconhecer a paternidade: “O Divino Pai Eterno. Me deu um grande poder. Eu como filho de vós. Vou eterno agradecer” (Hino 49). São José também é reconhecido como Pai: “Sou filho desta verdade. E meu Pai é São José” (Hino 104).

O Filho tem um dever com o Pai, de trabalho e de amá-lo, pois é sabido que quem pode dar as coisas ao Filho é o Pai: “Este é o salão dourado. Do nosso Pai verdadeiro. Todos nós somos filhos. E todos nós somos herdeiros. Nós todos somos filhos. E é preciso trabalhar. Amar ao Pai Eterno. É quem tem para nos dar” (Hino 119).

### **Relação de Mãe e Filho**

Quando surge o Filho vinculado à Mãe ou a uma figura feminina, aparecem algumas prescrições, o Filho não deve fazer o mal, nem se afastar da Mãe: “A Virgem Mãe que me ensinou. De vós não devo afastar-me. Para ser um filho seu. Fazer bem, não fazer mal” (Hino 19); e também deve ensinar “A Virgem Mãe foi quem me deu. Para ensinar os meus irmãos. Para ser um Filho seu” (Hino 30).

A Mãe chama o Filho para cumprir deveres, que envolvem amar e ensinar, só assim se é Filho dela: “A Rainha me chamou. Para mim seguir com Ela. Para eu amar com firmeza. Para eu ser um filho Dela. [...] Ter força para ensinar” (Hino 32). O Filho é estimado quando segue corretamente os deveres: “A minha Mãe que me ensinou. Eu sou filho estimado. Quem seguir na minha linha. Segue limpo e não errado” (Hino 36).

A Mãe manda e ensina o filho, e quando ele reconhece essa hierarquia, ele se vê como Filho amoroso: “A minha Mãe que me ensinou. A minha Mãe que me mandou. Eu sou filho de vós. Eu devo ter amor” (Hino 40). A Mãe manda trazer fé e amor, portanto é

uma relação que envolve o divino e a religiosidade, além de ser uma relação afetiva amorosa: “Sou filho da verdade. E do poder superior. A minha Mãe que me mandou. Trazer fé e amor” (Hino 86).

A Mãe é Mãe de todos, mas deve-se cumprir o dever em relação a ela para ser Filho legítimo: “A Minha mãe é Mãe de todos. Que quiser ser filho Dela. Ela roga por nós todos. Mas ninguém roga por Ela” (Hino 49). Para ser Filho dessa Mãe que está nas alturas, a Mãe divina, é preciso ser humilde: “Chamei lá nas alturas. A minha Mãe me respondeu. Sou humilde, sou humilde. Sou humilde um filho seu” (Hino 92).

É pedido à Mãe Divina o perdão através do amor que ela exerce sobre os Filhos: “Oh Virgem Mãe. Vós sois Mãe do Redentor. Perdoai os vossos filhos. Pelo vosso Santo Amor” (Hino 72). Aqui, Jesus é comparado a Deus e é pedido à Virgem Maria o perdão pelos pecados: “Minha Sempre Virgem Maria. Perdoai os filhos seus. Vós como Mãe soberana. A Divina Mãe de Deus” (Hino 122). Pede-se à Virgem Mãe o socorro quando o filho se queixa de sofrer: “A Virgem Mãe é Soberana. Nas alturas onde Ela está. Socorrei um filho seu. Que está no mundo a reclamar” (Hino 76).

Ser Filho quer dizer ser eterno, impondo a divindade da relação: “Vamos seguir, vamos embora. Que nós somos filhos eternos. Filhos de Nossa Senhora” (Hino 125).

### **Filho da Natureza**

Adicionalmente, o Filho também aparece ligado a elementos da natureza, relacionado ao trabalho que ele deve cumprir independente do que digam: “Sois filho das Águas Brancas. E é preciso trabalhar. Segue sempre o teu destino. E deixa quem quiser falar” (Hino 50).

O Filho, quando reconhece ser Filho da terra, relata viver nas sombras e roga ao Pai e à Mãe divina: “Eu sou filho da terra. Vivo nas matas sombrias. Implorando ao Pai Eterno. E a Sempre Virgem Maria” (Hino 100). Por último, é pedido a todos os santos

que roguem a Deus para que os Filhos da Terra esqueçam a ilusão: “Todos santos e todas santas. Roguem a Deus no coração. Para os filhos da Terra. Se esquecer da ilusão” (Hino 105).

### **Discussão**

Abreu Junior (2016) explana que o “eu” dos hinos do “O Cruzeiro” se refere ao Mestre Irineu que se apresenta como filho de Deus e da Mãe Divina, embora daimistas se considerem eles mesmos a primeira pessoa, como modo de identificação. Os Filhos, neste caso, seriam considerados todos os participantes da igreja. Não é de nosso interesse achar a quem se remete cada uma dessas pessoas. Neste trabalho, nos atemos a expor os dados e tentar nos aproximar de quais representações se falam quando observamos as relações familiares.

Abreu Junior (2016) explicita que a Mãe Divina e suas denominações podem estar associadas a elementos sagrados historicamente (Virgem Mãe, Virgem da Conceição). O autor nos mostra que a Mãe, ao ser denominada como advogada, passa a ideia de defesa de algum crime cometido pela primeira pessoa ou ainda pelo Filho; junto disso, apresenta características de Deus como soberano, criador, salvador, redentor, onipotente, entre outros. Tais conceitos estão relacionados no presente trabalho com o Pai.

Percebe-se que a Mãe é dotada do poder de trazer o Filho ao mundo e, também, de tirá-lo por ordem do Pai, já que o Pai é quem manda buscá-lo do mundo terreno. Um outro ponto importante é que a Mãe mais ensina e pede ao Filho para ter amor, do que é pedido a ela para ter amor ao Filho. Já ao Pai é mais pedido que ele tenha amor ao Filho, e não que ele ensine ou que ele peça ao Filho para ter amor. No caso, ensinar práticas de cuidados cabe à Mãe.

O Filho se apresenta ao Pai, de forma a ter que se explicar a ele. Nesse caso, quem entra em defesa do Filho seria a Mãe Divina, a qual é caracterizada como advogada,

quando vinculada à Virgem da Conceição. A Mãe intercede, encaminha e orienta o Filho a diversas tarefas que garantiriam o caminho da salvação dos pecados. Apesar dessas orientações, o Filho, como pecador, anda em caminhos escuros e pede piedade ao Pai. O tempo é contabilizado pelo Pai, inclusive, a duração do tempo de vida, assim como o julgamento do que se fez em vida também parece ser realizado pelo Pai. O Pai, neste caso, percebe se houve obediência ou não ao que a Mãe ensinou. Assim, quem julga é o Pai e quem intercede é a Mãe.

Esta interpretação está de acordo com o que postularam Cunha e Santos (2015) ao analisarem a obra *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, que faz parte de uma teologia popular. Os autores dizem que a figura do diabo nem sempre é de causar espanto, podendo ser invocado se a figura de Deus da igreja falhasse ou demorasse a aparecer, como foi o caso ocorrido com Irineu no início da doutrina do Santo Daime. Jesus, por sua vez se encontra num lugar de juiz no Auto, já que as almas se encontram num julgamento de suas vidas. Ele ao invés de Deus estaria mais próximo da realidade dos julgados. Jesus é igual aos homens, porém “não muito”.

No Auto da Compadecida existe também o diabo nomeado de Encourado, representando a injustiça, a mentira e o mal. O diabo é quem acusa, havendo entre as almas o pavor da sua figura e do inferno. Entretanto, há sempre quem interceda pelas almas que é Jesus e Nossa Senhora. Há esta intercessão através da misericórdia divina. Nossa Senhora é uma entidade santa que aparece após ser invocada pelo personagem João Grilo no Auto, ela é sua advogada e intercede por ele para que não fosse enganado pelo Encourado (Cunha & Santos, 2015). Assim como ocorre nos hinos a virgem Mãe é chamada para que tenha misericórdia dos seus filhos.

As menções à Mãe no hinário “O Cruzeiro” se sobressaem. Podemos perceber que a figura da Mãe é fundamental na doutrina, vimos que coexistem os diferentes tipos de

mães. Isso demonstra que a doutrina e o próprio hinário são dedicados a ela, pois incluem até mesmo a Mãe velha, aquela que tem sabedoria.

As lógicas de gênero aparecem neste contexto de forma que os moldes sociais podem ser observados no hinário “O Cruzeiro”. Entretanto, o lugar de ter amor, sentimento historicamente vinculado à Mãe, está também entrelaçado com a figura do Pai. Percebe-se que o amor se apresenta em diferentes ordens. Neste caso, o Pai tem amor e é rogado a ele para ter amor pelo filho.

Outra interpretação que está mais próxima do que expõe Kymlicka (2006) e Gilligan (1982) é de que estejam em voga a ética do cuidado e a ética da justiça. Nesta perspectiva, existem dois projetos morais, a ética feminina, que se refere ao cuidado, principalmente o individual, e a ética masculina, que se refere à justiça dentro do bem de todos. Ambas prescrevem comportamentos e modos de subjetivação sensíveis aos mundos privado e público respectivamente. Dessa forma, talvez este vocativo pedindo amor não esteja tão vinculado à Mãe, pois, é esperado que ela aja “naturalmente” por amor. E do Pai é esperado que ele aja “naturalmente” na busca por justiça, tanto que ele julga o Filho.

No hinário “O Cruzeiro”, percebemos que a naturalização do amor ao Filho aparece com bastante clareza, ele já deve existir instintivamente. O Filho pede o amor, de modo que, mesmo errando, ele o receba, representando o caráter divino do amor.

A diferença entre as morais masculina e feminina estão colocadas no “O Cruzeiro”. King (1997) discorre que as mulheres construíram teorias psicológicas e pedagógicas do cuidado justamente por estarem historicamente relegadas a este lugar, muitas vezes, durante as guerras construídas no mundo público masculino. King (1997) ressalta a necessidade das mulheres reafirmarem a maternidade como lugar de poder, e não de subalternidade, ou obrigatoriedade.

### **Considerações Finais**

Percebemos que a caracterização das identidades de gênero das mulheres presentes no hinário “O Cruzeiro” perpassa pela maternagem e pela maternidade, a família cristã obtém importância fundamental, a fim de compreendermos as lógicas de gênero da doutrina. O Pai divino possui um lugar específico de julgar, a Mãe divina de ensinar e perdoar, o Filho de aprender e ensinar seus irmãos. Percebe-se com isso que lugares tradicionais de gênero são mantidos na doutrina daimista. São ditames que encontramos na doutrina daimista, lugares e papéis identitários pouco flexíveis. Assim, podemos declarar que a memória no Santo Daime escrita no seu hinário carrega estes moldes que não flexibilizam os lugares de Pai e Mãe, o que expõe os moldes bem arraigados do lugar tradicional da família cristã.

Conforme expõe Carson (1995), o trabalho e o matrimônio são práticas imprescindíveis para a identidade feminina. Socialmente, há uma escolha que a mulher deve fazer como identidade social, que sobressaia entre ser esposa, mãe ou trabalhadora. Nesse sentido, a formação de uma família, socialmente, fica a cargo de mulheres, já que a maternidade é um dos principais eixos identitários para elas, colocando a dedicação total aos outros como premissa.

Além disso, percebe-se vínculos de dependência e de poder entre homens e mulheres. A família patriarcal é uma premissa fundamental no hinário “O Cruzeiro”, não havendo lugar para outros tipos de família ou lugares intercambiantes. De certa forma, são prescrições de comportamentos para os membros da doutrina, que devem seguir os modelos como exemplo no seu dia a dia. Percebemos que não há espaço para flexibilização dos lugares de pai, mãe e filho. Dessa forma mantém-se a identidade daimista de acordo com os moldes tradicionais de gênero e da família patriarcal.

Neste sentido, percebemos uma série de manutenções de poder existente na relação familiar patriarcal. A análise do hinário “O Cruzeiro” permitiu identificar que tal relação de poder tradicional está presente nas comunicações e nos rituais daimistas.

### Referências

- Alves Junior, A. M. (2007). *Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda no Santo Daime* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP.  
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/2045>
- Assis, G., & Rodrigues, J. (2017). De quem é a ayahuasca? Notas sobre a patrimonialização de uma “bebida sagrada” amazônica. *Religião & Sociedade*, 37(3), 46-70. <https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n3cap02>
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Carson, A. (1995) Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. *Cadernos Pagu*, 4, 187-218.  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1768>
- Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Flor do Céu. (2002). *Hinário “O Cruzeiro”*.  
[https://www.mestreirineu.org/FDC/pdf/O\\_Cruzeiro\\_Mestre\\_Raimundo\\_Irineu\\_Serra.pdf](https://www.mestreirineu.org/FDC/pdf/O_Cruzeiro_Mestre_Raimundo_Irineu_Serra.pdf)
- Cunha, G. P., & Santos, L. S. (2015). “Não sei, só sei que foi assim!” A percepção popular acerca de Deus, do Demônio e dos Santos no Auto da Compadecida. *Protestantismo em Revista*, 38, 40-58.  
<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2502>
- D’Incao, M. A. (1989). O amor romântico e a família burguesa. In M. A. D’Incao (Org.), *Amor e família no Brasil* (pp. 57-71). Contexto.

Gilligan, C. (1982). Conceitos do eu e de moralidade, In C. Gilligan, *Uma voz diferente* (pp. 75-116). Rosa dos Tempos.

Jaggar, A. (1996). Ética feminista: algunos temas para los años noventa. In C. Carme, *Perspectivas feministas en teoría política* (pp. 167-184). Paidós.

Jelin, E. (2001). *Los trabajos de la memoria*. Siglo Veintiuno editores.

Abreu Júnior, J. S. A. (2016). *A Cura No Santo Daime: Concepções de saúde e doença nas linhas do Alto Santo* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. Repositório Institucional da UFBA.  
<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30644>

King, Y. (1997). Curando as feridas: Feminismo, Ecologia e Dualismo Natureza/Cultura. In A. Jaggar, *Gênero, Corpo e Conhecimento* (pp. 126-156). Rosa dos Tempos.

Kymlicka, W. (2006). O feminismo. In W. Kymlicka, *Filosofia Política Contemporânea* (pp. 303-372). Martins Fontes.

Labate, B., & Pacheco, G. (2005). As origens históricas do santo daime. In R. Venâncio, H. Carneiro, *Álcool e drogas na história do Brasil* (pp. 231-255). PUCMinas.  
[https://www.bialabate.net/wp-content/uploads/2010/10/Labate\\_Pacheco\\_Origens\\_Historicas\\_Santo\\_Daime\\_20052.pdf](https://www.bialabate.net/wp-content/uploads/2010/10/Labate_Pacheco_Origens_Historicas_Santo_Daime_20052.pdf)

Nascimento, A. R. A., Gianordoli-Nascimento, I. F.; Trindade, Z. A. (2008). A representação social do trabalho feminino para homens casados. *Mental*, 6(11), 145-164. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272008000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272008000200009&lng=pt&nrm=iso)

Perrot, M. (2005). *As mulheres, ou, os silêncios da história*. EDUSC.

- Priore, M. (1989) O corpo feminino e o amor: um olhar. In M. A. D'Incao, *Amor e Família no Brasil* (pp. 31-56). Contexto.
- Rabelo, K. B. (2013). *Daime Música: identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina Daime* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/AAGS-9RUHVR>
- Ribeiro, F. S., & Cruz, F. M. L. (2013). Representações sociais de família por crianças na cidade de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 612-622.  
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300015>
- Rosa Saque, L. (2020). A Virgem da Conceição na doutrina do Santo Daime: A construção de um mito fundacional sob a ótica do princípio pluralista. *Sacrilegens*, 17(2), 169-180. <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2020.v17.32693>
- Trigo, M. H. B. (1989). Amor e casamento no século XX. In M. A. D'Incao et al. (Orgs.), *Amor e família no Brasil*, (pp. 88-94). Contexto.
- Trindade, Z. A., Nascimento, A. R. A.; Gianordoli-Nascimento, I. F. (2006) Resistência e mudança: representações de homens e mulheres ideais. In Â. M. Oliveira, M. F. Santos, G. Diniz, & Z. Trindade (Orgs.), *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais* (pp. 187-214). Universidade de Brasília.
- Tronto, J. C. (1997). Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobremoralidade a partir disso? In A. Jaggar, & S. Bordo, *Gênero, corpo e conhecimento* (pp. 186-203). Rosa dos Tempos.